



(<https://focusonthe kingdom.org/>)

Demônio realmente significa Demônio!

Título Original (em Inglês):
*“Demon Really Does Mean
Demon!”*.

por Anthony F. Buzzard

(Originalmente publicado em 1998 na Radical Reform Magazine, Inverno de 1998, Vol. 7, nº 2.)

Tradução (Translation):
Fernando Coutinho Sánchez
(ferjoscousan@gmail.com)
Machalí - Osorno, Chile,
setembro de 2024

Todas as citações bíblicas neste estudo em português foram retiradas da Versão Bíblica Juan Ferreira de Almeida, Revista e atualizada (ARA). Publicações eletrônicas. — Salvo indicação em contrário. Estas citações estão entre aspas e em caracteres *ITÁLICOS*.

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um verso da Escritura são incluídas em [COLCHETES].

Todas as palavras gregas, hebraicas, aramaicas ou outras línguas estão entre aspas, e em caracteres “*ITÁLICOS*” e/ou transliteradas para o português.



As extensas conversas e correspondência com os Cristadelfianos ao longo de muitos anos convencem-me de que esta denominação está inadvertidamente presa num perigoso exemplo de racionalismo – a negação da existência de demónios no Novo Testamento. Esta negação da existência de demónios é semelhante à rejeição dos saduceus aos anjos e aos espíritos (*Atos 23:8*).

Os Cristadelfianos enfrentam um problema intransponível quando tentam erradicar dos registos as verdadeiras personalidades sobrenaturais – os demónios – que são tão proeminentes nos Evangelhos. Esta discussão pode ser resumida a uma simples questão: O que entende o Novo Testamento com “demónio”?

Em primeiro lugar, devemos esclarecer a considerável confusão causada pela tradução da KJV da palavra grega “*daimonia*” como “demónios”. Isto está completamente errado, como as traduções modernas nos permitem ver. Existe uma palavra separada, “*diabolos*” (diabo), que nunca é confundida com “*daimonion*” (demónio).

Da minha correspondência com os Cristadelfianos, consegui reunir uma série de sugestões de diferentes significados para a palavra “demónio”. Dizem que é um ídolo, uma possessão, uma pessoa possuída, uma loucura, uma demência ou algo inexistente. Esta variedade de definições indica a dificuldade em que os Cristadelfianos se encontram quando confrontados com o fenómeno demoníaco do Novo Testamento.

Em primeiro lugar, deve notar-se que as definições Cristadelfianas da palavra “*daimonion*” (demónio) não concordam com nenhum léxico grego do Novo Testamento. Estes últimos definem a palavra como “uma personalidade espiritual intermédia entre Deus e o homem”. Nenhuma autoridade grega conhecida por este escritor pensou alguma vez que “*daimonion*” significasse uma pessoa humana possuída ou um ídolo. É claro que no Novo Testamento um demónio causa a loucura e outras deficiências, mas nos registos do Novo Testamento distingue-se cuidadosamente a causa da loucura e a própria loucura.

As múltiplas definições de “demónio” oferecidas pelos Cristadelfianos são o resultado da sua convicção de que os demónios não existem. Contudo, o Novo Testamento revela que eles existem e que são exatamente o que todos os léxicos dizem que são: personalidades sobrenaturais, com inteligência (embora pervertida) e vontade. É isto que a evidência da Bíblia e da língua grega nos apresenta, e devemos ter cuidado para não nos opormos a ela, pois isso implicaria suprimir a verdade revelada.

Devemos realçar que definir o diabo como uma personalidade sobrenatural não nos compromete a adotar uma teoria particular sobre a origem destes seres. A questão da *origem* não deve confundir a questão principal: existem demónios? Lucas não diz em lado nenhum que um demónio é um espírito humano que morreu, embora alguns judeus pensassem que os demónios eram espíritos sobreviventes dos mortos.

O que é então um demónio? Mesmo que descartássemos as provas de todos os dicionários padrão de palavras do Novo Testamento, o contexto da palavra “demónio” no Novo Testamento permite-nos saber o que os escritores querem dizer com o termo. Do que se diz sobre os demónios, deduzimos imediatamente que são personalidades inteligentes que oprimem alguns seres humanos infelizes e se opõem violentamente a Jesus. *O que fica absolutamente claro nas histórias é que o demónio não é um nome alternativo para a vítima que oprime.* Esta distinção não é mais complicada do que a diferença entre um terrorista e uma pessoa aterrorizada, ou um assassino e o assassinado. Se os Cristadelfianos se deparassem com uma língua estrangeira, poderíamos razoavelmente esperar alguma confusão neste ponto. Mas o Novo Testamento grego foi traduzido corretamente para inglês. Ao longo dos relatos narrativos de demónios, é sempre o *demónio* (*daimonion*) que aflige o demoníaco (ou *daimonizomenos*). Afirmar o contrário é simplesmente fechar os olhos ao que está escrito no texto sagrado.

O diabo entra no ser humano; possui conhecimento sobrenatural sobre quem é Jesus; teme ser atormentado; pode pedir para ser enviado para alguns porcos; consegue gritar em linguagem inteligível (usando a vítima como porta-voz); e reconhecer Deus como o único Deus verdadeiro e tremer com esse facto. Um demónio pode falar como se fizesse parte de um grupo maior; pode

reunir outros demónios; mais do que um demónio pode entrar numa única pessoa. Os demónios podem ser falados e repreendidos.

A linguagem das histórias de demónios exclui absolutamente a possibilidade de os demónios serem *seres humanos* possuídos. O demónio é o atacante e invasor da sua vítima humana. Nem poderia um demónio, de acordo com a evidência dos Evangelhos, ser um ídolo. Nenhum ídolo, se por ídolo entendermos um objeto inanimado, jamais se comportou como os demónios no Novo Testamento. Os relatos não dizem que Jesus imaginava que os demónios falavam, ou que as pessoas pensavam que podiam falar. O texto inspirado diz que falaram. Os demónios não fazem parte de um mundo de fantasia nos Evangelhos. São uma *parte tragicamente real do mundo da história e dos factos!* Além disso, as histórias são concebidas para nos alertar para a realidade de um mundo invisível que ignoramos por nossa conta e risco. Por conseguinte, seria muito imprudente silenciar aquela parte da revelação divina que consideramos desagradável, em benefício da nossa própria teoria racionalizadora. A rejeição do mundo ao mal sobrenatural que a Bíblia nos apresenta em princípio não é diferente da rejeição dos milagres, do nascimento virginal e da ressurreição!

Um simples exercício de estudo da Bíblia revelará a um Cristadelfiano que as suas várias teorias sobre o significado de “demónio” não podem ser sustentadas. Que qualquer Cristadelfiano adote um dos significados escolhidos para “demónio” e o substitua pela palavra “demónio” nas histórias. Suponha que escolhe “algo que não existe”. Então “algo que não existe” gritou, falou e foi repreendido por Jesus. Também reconheceram Jesus como o Messias, quando as pessoas comuns não o fizeram. Em *Tiago 2:19* “algumas coisas que não existem” acreditam que Deus é um e tremem. Suponha que é selecionado o termo “pessoa possuída” ou “pessoa louca”. Portanto, “pessoas possuídas” entraram numa “pessoa possuída”. As histórias contam-nos que “demónios” entravam nas suas vítimas que eram então “demonizadas”, isto é, possuídas por demónios ou influenciadas por demónios. Assim sendo, é claro que o “demónio” não pode ser a “pessoa demonizada”. Em *Tiago 2:19*, os “demónios” acreditam no Deus único. Isso mostra que têm inteligência. Observemos cuidadosamente que são os “demónios” que acreditam no Deus único, e não as “pessoas possuídas por demónios”.

Se escolhêssemos o termo “loucura”, teríamos de nos questionar se a “loucura” pode falar na companhia de outras “loucuras”; se os “loucos” acreditam em Deus ou reconhecem Jesus como o Messias. A “loucura” pode pedir para entrar em porcos? (Note-se o plural “demónios” em *Marcos 5:12*: “*E os espíritos imundos rogaram a Jesus, dizendo...*”) Tal exercício revela que qualquer definição de “demónio” que não seja personalidade sobrenatural conduz à total incoerência e é devidamente rejeitada.

Ficamos com a verdade simples das histórias bíblicas. O seu conteúdo não deve ser alterado. Deve ser-lhes permitido transmitir a sua importante mensagem sobre o mundo invisível do mal que o racionalismo tem procurado descartar.

É característico de qualquer sistema de teologia procurar eliminar da Bíblia tudo o que desafie esse sistema. O procedimento inverso, como todos sabemos, está correto. Devemos trazer as nossas próprias ideias para a pedra de toque das Escrituras para serem corrigidas ou modificadas. É assim que ocorre o crescimento na graça e no conhecimento. Uma tragédia ocorre quando as ideias são consagradas em pedra como parte de um sistema dogmático em oposição à Bíblia.

Hoje, o Cristodelfianismo continua a suprimir a verdade tal como é apresentada nos relatos do mundo demoníaco. Ao rejeitar os significados lexicais claros das palavras e ao substituí-los pela sua própria definição da palavra “demónio”, os Cristodelfianos alteram eficazmente o significado das Escrituras. É um erro grave, sobretudo quando ocorre entre aqueles que, de outro modo, tratam com tanta habilidade a doutrina do Reino de Deus e da unidade de Deus.

“porque tinham entrado nele muitos demônios. Rogavam-lhe que não os mandasse sair para o abismo. Ora, andava ali, pastando no monte, uma grande manada de porcos; rogaram-lhe que lhes permitisse entrar naqueles porcos. E Jesus o permitiu. Tendo os demônios saído do homem, entraram nos porcos” (Lucas 8:30-33).

“Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos, procurando repouso; e, não o achando, diz: Voltarei para minha casa, donde saí. E, tendo voltado, a encontra varrida e ornamentada. Então, vai e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali” (Lucas 11:24-26).